

***Metécho e metalambáno*: haveria mais de um sentido de participação no “Parmênides” de Platão?**

Metécho e metalambáno: are there more than one meaning of participation in Plato’s “Parmênides”?

Otacilio Luciano de Sousa Neto
Mestrando em Filosofia/UFC
Bolsista CAPES

RESUMO: Este artigo pretende através do *Parmênides* de Platão, especificamente em 130b e 130e-131a, examinar os sentidos dos termos que se traduzem por participação – *metécho*, *metalambáno*. Através disso se questiona: o que é participação? Anterior a esta pergunta outra deve ser feita: há uma unívoca maneira de dizer participação? Aristóteles parece afirmar que há em Platão apenas um sentido e que este não é suficiente (Metafísica. 997b12 e 1086a32-34). Estaria Aristóteles correto?

PALAVRAS-CHAVE: PLATÃO; PARMÊNIDES; PARTICIPAÇÃO.

ABSTRACT: This article aims through Plato's *Parmenides*, specifically 130b and 131a-130e, examine the meanings of terms that are translated into participation - *metécho*, *metalambáno*. Thereby it is questioned: What is participation? Previous to this question another must be made: there is a univocal way of saying participation? Aristotle seems to affirm that there is in Plato only meaning and that this is not enough (*Metaphysics*. 997b12 and 1086a32-34). Aristotle would be correct?

KEY-WORDS: PLATO, PARMENIDES; PARTICIPATION.

Platão, não raramente, é apresentado como um filósofo dualista. Esta dualidade, atribuída a Platão por interpretações de pesquisadores e leigos, é uma dualidade entre o sensível e o inteligível.

Postulam-se entes inteligíveis separados dos entes sensíveis: ideias separadas do mundo.

Como se legitimam tais interpretações? É preciso atentar profundamente para o problema. Primeiramente, esta posição é acerca de uma relação entre universais e particulares. Relação à qual é tematizada pela filosofia antes mesmo de Platão. Em Platão esta aparece através da relação entre as Formas (ou ideias) e os entes sensíveis. Em contraposição à concepção dualista, na qual as Formas estão separadas dos entes sensíveis, há a posição que defende que a Forma está nos próprios entes sensíveis. Assim, os comentadores podem perceber as Formas como *transcendentes* ou *imanes*.

Estes termos não são usados por Platão. Talvez o uso destes termos já signifique uma dificuldade em entender de que maneira Platão relaciona o universal com o particular. Estes termos podem já apresentar a contenda sob a pergunta: a Forma está ou não nos entes? Talvez não se tenha uma acertada resposta sobre a transcendência ou imanência das Formas. Possivelmente não é nem mesmo claro se uma posição exclui, necessariamente, a outra.

[...] os termos transcendência e imanência são usados pelos comentadores de forma ambígua, quando aplicados à teoria das ideias. No seu uso mais geral, eles indicam o estatuto ontológico da ideia: ela é transcendente quando sua existência é reconhecida como separada, independente de seus homônimos sensíveis; imanente, quando não existe à parte deles, mas apenas neles, embora com eles não se confunda. (IGLÉSIAS, 2009. p. 91)

Na “Teoria das Formas¹” um ente sensível recebe suas determinações por se relacionar com as Formas. Um ente belo só é belo em razão da Beleza em si, isto é, enquanto Forma. Portanto, para entender de que maneira se dá a presença das Formas no ente é preciso entender a relação que há entre estes e as Formas.

O *Parmênides* é a obra do *corpus* platônico na qual problematizada a questão da relação entre Formas e entes múltiplos de maneira mais destacada, sendo este um dos principais temas da obra.

¹ Platão não postulou tal teoria, pelo menos não com este nome. Esta teoria é reconhecida pelos leitores de Platão ao longo da história da Filosofia. Pode também ser usado o nome Teoria das Ideias.

No *Parmênides* esta relação é chamada participação.

Este é o cerne deste trabalho. A pergunta é: o que é participação? Esta pergunta, no entanto, será aqui desenvolvida através dos seguintes questionamentos: Quais são as aporias enfrentadas ao afirmar a participação? Há sentidos diferentes de participação? O que significam os termos gregos “*metécho*” e “*metalambáno*” que são traduzidos por “participação”? Um ente, ao participar da Forma, recebe da Forma a sua essência, ou substância, ou apenas seus predicados? Ou recebe diferentemente essência e predicados?

O objetivo deste escrito não é resolver estas questões. É, em um movimento quase sócrático, tornar claro a ignorância acerca do que se entende por participação. A obra de Platão incita em seu leitor um novo caminho a cada vez que se lê. Os séculos que passaram desde a aurora da filosofia na Antiga Grécia não foram suficientes para esgotar o conhecimento que se pode extrair das obras de Platão.

As questões aqui propostas talvez possam ser sintetizadas em um único problema: o problema do um e do múltiplo. Não é possível dizer que temos como clara a relação da unidade com a multiplicidade, que este problema foi por todo resolvido e compreendido. Para conhecer é preciso reconhecer que não conhece. O que não conhecemos?

Para perguntar o que não conhecemos a fim de reconhecer que não conhecemos o que não conhecemos (e por vezes acreditamos conhecer) este emprego partirá dos termos pelos quais Platão fala participação. Examinaremos, no *Parmênides*, os passos 130b e 130e-131a.

O diálogo “*Parmênides*” se inicia com a narração de Céfalo que conta do encontro que teve com Gláucon e Adimanto após a viagem de Clazômenas para Atenas. Céfalo diz que está a à procura de Antifonte, um homem que já teve muitos encontros com Pitodoro. Pitodoro, por sua vez, era companheiro de Zenão e teria guardado na memória o encontro que ocorreu entre Sócrates, Zenão e Parmênides. Céfalo estava à procura de Antifonte para pedir que ele contasse como se deu tal encontro. Gláucon e Adimanto ao saber do desejo de Céfalo decidiram levá-lo a conversar com Antifonte. Este, mesmo após relutar em razão do grande trabalho que seria preciso, decidiu expor como se deu o encontro entre Sócrates, Zenão e Parmênides.

Todo o diálogo será, portanto, contado sob a luz, sob a narrativa, de Antifonte, mediante as conversas que teve com Pitodoro.

Antifonte conta que certa vez Zenão e Parmênides vieram para as Grandes Panatenéias². Parmênides já era idoso, porém, de aparência nobre e bela. Zenão tinha por volta de quarenta anos. Sócrates, no entanto, era jovem e estava a progredir em sua sabedoria.

Em certo momento Zenão estava a ler seus escritos, na presença de Sócrates, e, próximo ao término da leitura, Parmênides e Aristóteles adentraram no recinto. Ao término da leitura Sócrates pediu que o primeiro argumento fosse lido novamente. Então ele pergunta: “que queres dizer com isso, Zenão? Que, se os seres [*ónta*] são múltiplos, então é preciso que eles sejam tanto semelhantes [*homoiá*] quanto dessemelhantes [*anómoia*], mas que isso é impossível, pois nem as coisas dessemelhantes podem ser semelhantes nem as semelhantes, dessemelhantes? (PLATÃO, *Parmênides*. 127e)

A tese de Zenão é que os seres, sendo múltiplos, seriam semelhantes e dessemelhantes, mas isso é impossível, pois, não se pode ser semelhante e dessemelhante, sendo isso uma contradição. Deste modo predicariam-se aos seres semelhança e dessemelhança.

Percebendo tal contradição, Sócrates apreende a resolução da questão à maneira como Zenão ministrou. Não há múltiplas coisas, múltiplos seres, multiplicidade (*tá pollá*), pois, se houvesse, seriam afetadas por contradição, sendo semelhantes e dessemelhantes, o que seria impossível. Ao perguntar a Zenão se ele, Sócrates, foi capaz de interpretar bem o que foi dito, recebeu uma resposta afirmativa.

Sócrates, apesar de muito admirar o argumento de Zenão, não se satisfaz totalmente com o mesmo, tentando assim superá-lo mostrando uma nova reflexão sobre o problema. O diálogo “*Parmênides*” dedica desde o passo “129a” ao passo “130a” para mostrar como Sócrates recorre à “Teoria das Formas” para solucionar as dificuldades do um e do múltiplo, tratados também pelo argumento de Zenão.

Ele, ao começar a propor a teoria das formas, pergunta a

² As Panatenéias eram festas realizadas em celebração à Atena. Havia dois tipos: As Pequenas Panatenéias e as Grandes Panatenéias. As primeiras eram realizadas anualmente, e por isto tinham um caráter um pouco mais trivial do que as Grandes Panatenéias. As Grandes, de tal maneira, eram realizadas de quatro em quatro anos, no dia 28 do mês de Hecatombéon (entre julho e agosto), e possuíam um caráter elaborado e ostensivo.

Zenão:

[...] não julgas haver uma certa forma em si e por si da semelhança, e, por outro lado, contrária a tal forma, uma outra, aquilo que realmente é dessemelhante? E, que, nestas duas coisas, que são, tanto eu quanto tu, quanto as outras coisas que chamamos múltiplas, temos participação? E que algumas coisas, tendo participação na semelhança, se tornam semelhantes, por causa disso e na medida em que nela tenham participação, e que outras, tendo participação na dessemelhança, se tornam dessemelhantes, e que outras, tendo participação em ambas, se tornam semelhantes e dessemelhantes? (PLATÃO, *Parmênides*. 128d - 129a)

Sócrates, em tais perguntas, começa a indagar, já oferecendo como uma posição, a existência de Formas [*eíde*] para semelhança e dessemelhança. A Semelhança e a Dessemelhança são entidades em si e por si e os múltiplos entes se assemelham ou desassemelham em razão da participação [*metalambanêin*] que têm nas formas. O ente múltiplo, por participar da Semelhança, e não por outro motivo, se torna semelhante. Este mesmo ente que participa da Semelhança poderá participar da Dessemelhança, tornando-se assim, semelhante e dessemelhante, sem que a Semelhança e a Dessemelhança se confundam.

O relato feito por Pitodoro na voz de Céfalo nos mostra uma reação pouco esperada. Zenão e Parmênides ficaram maravilhados com a exposição de Sócrates e sorriram alegremente, um ao outro, espantados com o que Sócrates acabara de apresentar³. A manifestação de Parmênides, nessa passagem, é profunda e pode levar a uma série de questionamentos importantes. Parmênides indaga: “[...] tu mesmo assim fizeste a divisão tal como falas: de um lado certas formas mesmas, de outro as coisas que delas participam [*metéchonta*]? E te parece a semelhança mesma ser algo, separada do que temos, e também o um e as múltiplas coisas e todas as coisas que há pouco ouviste de Zenão?” (PLATÃO, *Parmênides*. 130b).

A resposta de Sócrates para as duas perguntas proferidas por Parmênides são a mesma: sim. Todavia, o aquiescer de Sócrates não

³ Cf. PLATÃO, *Parmênides*. 130a-b.

torna claro com que se consente. O que diz o termo participação [*metécho*]? Na continuidade do diálogo Parmênides pergunta: [...] parece-te, como dizes, haver certas formas, em tendo participação [*metalambánonta*] nas quais essas outras coisas aqui recebem suas denominações. Por exemplo: se têm participação na semelhança, as coisas se tornam semelhantes, se na grandeza, grandes, se no belo e na justiça, justas e belas? (PLATÃO, *Parmênides*. 130e – 131a)

Ambos os termos, *metéchonta*, participio de *metécho* e *metalambánonta*, participio de *metalambáno*, são traduzidos por participação. A questão que se apresenta é: ambos os termos podem ser traduzidos, indiscriminadamente, por participação? Se não: o que os termos em grego podem dizer? Propõe-se aqui, que os dois termos poderiam ser distintos por possuírem sentidos diferentes na obra de Platão. Para desenvolver as questões propostas este trabalho toma trilhará os seguintes passos: 1) A apresentação de um artigo publicado por Fujisawa intitulado...; 2) A busca por possíveis traduções dos termos e suas incidências na obra de Platão; 3) A análise sobre as passagens nas quais os termos surgem no início da obra estudada, ou seja, se perguntar em quais sentidos os termos *metécho* e *metalambáno* aparecem enquanto os personagens Sócrates e Parmênides conversam.

Fujisawa, para apresentar a distinção entre os termos, escreve o seguinte:

[...] a distinção está claramente marcada entre: (1) a Forma separada (a qual nos referimos como ϕ); (2) o caráter imanente, "a semelhança que temos (*échomen*)" (a qual nos referimos como F); (3) a coisa individual que participa (*metéchei*) na forma e tem (*échei*) o caráter (ao qual nos referimos como X). Assim, vemos que *metéchein* é usado da relação de x para ϕ , enquanto *échei* é usado da relação de x para F. Este uso é aquele que tem sido firmemente estabelecido no Fédon [102 B 5, 103 B 8]: há a locução, "x participa de ϕ ", e a locução ϕ , "x tem F", são claramente distinguidos um do outro sem a menor confusão. E podemos ver a razão básica pela qual Platão, desta forma atribuiu uma função diferente para cada um desses dois termos. " *Tò A échei tò B* ", sugere ou implica a presença do próprio B em A; portanto, está locução é equivalente a " *tò B énesti* [variação do verbo *eimi*] *en tò A* " (tal como é visto nas passagens do Fédon acima citado) ou " *tò B párestí* [variação de *páreimi*, pode ter sentido de ser

por algo, próximo a algo; de estar presente de modo a auxiliar, aquilo que é paralelamente] (ou *épesti* [variação de *épeimi*: pode significar ter sobreposto, ter definição sobreposta ou nome sobreposto.]) *to A*”, de modo a que seja adequado para exprimir a relação entre x e F (isto é, o carácter imanente). Por outro lado, “*tò A metéchei tou B*” não implica a presença de B no A em si ou em vez negaria tal presença; portanto, esta locução é adequada para descrever a relação de x para *phi* (ou seja, a Forma transcendente) e deve por isso mesmo ser rigorosamente separados do outro tipo de locução. (FUJISAWA, 1974, p. 31, tradução nossa.)

O que ele nos diz com isto? Ele apresenta uma distinção de como Platão relaciona Forma e, características dadas pelas Formas, e os entes individuais. Ele afirma que *metéchein* é usado na relação de um ente múltiplo com a Forma. Entretanto *échein* é usado na relação do ente múltiplo com seu carácter imanente, sua característica, sua propriedade (*énesti/épesti/párestí*).

Em elucidação: Helena participa [*metéchein*] na Forma de Beleza. Helena tem [*échein*] beleza. Platão, neste sentido, usaria *échein* para indicar a presença do atributo no ente, da beleza em Helena. O termo *échein* seria, neste exemplo, equivalente a: A beleza é em proximidade a Helena. Por outro lado, quando se diz que Helena participa [*metéchein*] na Forma de Beleza não quer dizer que Helena está presente da Forma da Beleza, mas que apenas participa, recebendo algo da Beleza. Talvez, esta proposição até negasse que Helena se presentasse na Forma de Beleza. Por isto, *échein* e *metéchein* devem ser distintamente tratados.

O termo *échein* é o termo que aparece no Fédon para falar de participação. Segundo Fujisawa⁴ este termo também traduz participação, claramente, no sentido anteriormente exposto. Todavia este termo se assemelha, ou é até sinónimo, de outros termos usados na relação entre Formas e entes no *corpus platónico*. Fujisawa classifica estes termos semelhantes e dessemelhantes em três grupos:

Grupo I - *échein*

Grupo II - *metéchein, méthexis, metalambánein*.

⁴ Cf. FUJISAWA, 1974, p. 40.

Grupo III - *parádeigma*⁵.

Se atentarmos para a decorrência dos termos dos grupos acima citados veremos, segundo Fujisawa, que os termos do grupo II e III somente irão surgir, na obra de Platão, nos diálogos considerados médios e de velhice. Platão só usa os termos do grupo I para os diálogos socráticos⁶. Nestas ocorrências, claro, vale lembrar que foram apenas observados os termos quando se referem às formas, essências, ou quando Platão se vale da pergunta Socrática: o que é X?

O estudo de Fujisawa mostra uma possível nuância acerca do termo e dos sentidos de participação. A distinção proposta por Fujisawa é: há, já em Platão, uma diferenciação entre Forma e o atributo dado pela Forma. O termo *échein* diria a relação entre o ente e o atributo que este o tem. Os outros termos, que falam de Participação na Forma, surgem nos diálogos de médios e de velhice. O que, talvez, expresse uma visão desenvolvimentista da obra platônica.

Ao que parece Platão tinha consciência dos termos usados e os escolheu de maneira precisa em sua obra, não usando um termo que poderia ter o sentido de outro termo. Como em 133b “[...]que provavelmente Platão aqui conscientemente faz seu Parmênides dizer ὄν ... μετέχοντες no lugar da locução própria, ἃ ... ἔχοντες⁷”.

Pergunta-se, então: os termos *metéchein* ou *metalambánein* dizem o mesmo? Não haveria nenhuma mudança conceitual em qualquer parte da obra platônica se houvesse qualquer permuta entre estes termos? Existem outros termos que podem se encaixar em um mesmo grupo que o de *metécho* e *metalambáno*? Fujisawa só atentou, em sua pesquisa, para os termos presentes na obra platônica quando eles estão indiscutivelmente se referindo às Formas⁸. Platão não pode ter usado outros termos para tratar de Formas e de entes de tamanho nível ontológico, ou mesmo superior, ao das Formas? De fato, Platão não fala do Ser, do Bem, dos Gêneros Supremos, do Indeterminado e do Uno? O que são os termos *paousía*, *mimesis* e *koinonía* e de que maneira estes poderiam dizer participação?

⁵ A lista da incidência dos termos pode ser encontrada em: FUJISAWA, 1974, p. 42.

⁶ Cf. FUJISAWA, 1974, pp. 41, 24.

⁷ Cf. FUJISAWA, 1974, p. 33.

⁸ Cf. FUJISAWA, 1974, p. 40.

O trabalho de Fujisawa é um dos poucos trabalhos realizados sobre a especificidade deste a problema: o termo participação no *Parmênides* de Platão. Outras fontes de leitura secundária ainda assim parecem ter concisos apontamentos acerca dos termos.

Tais expressões como *metéchein toú chaloú* pertencem à linguagem ordinária e não expressam, *por si*, nenhuma implicação técnica ou metafísica. (HACKFORTH, 1955. apud. FUJISAWA, 1974, p. 44, tradução nossa)

Na primeira seção, ele vai tomar *méthexis* em seu sentido mais literal e materialista; na segunda seção, ele vai cumprir o significado mais rígido e exclusivo sobre a frase *autá kath' autá*. *Méthexis* é de fato seu termo favorito para o ataque. A razão é óbvia: este termo é aquele que mais facilmente sugere uma relação física. Parmênides consistentemente tenta levá-lo não como uma metáfora, mas como uma descrição da matéria-de-fato, a ser entendida literalmente quando usado nas Formas, como a de um bolo ou um pedaço de pano. As duas outras sugestões que Sócrates faz (Que a forma é uma *nóema*, e que os particulares são em "semelhanças" com as Formas) foram reduzidos por Parmênides a termos que lhe permitem fazer o seu ataque final sobre eles por meio de *méthexis*. (PECK, 1953, p. 129)

As passagens acima ilustram a dificuldade de determinar o sentido do termo participação. Em ambos os casos *méthexis* tem sentidos diferentes. A primeira afirmação é: este termo não tem sentido técnico ou metafísico. Como poderia, no entanto, este termo não ter sentido técnico uma vez que é o principal termo para dizer a participação do ente na Forma. O termo é o que fundamenta o entendimento da ontologia platônica, a possibilidade de um reconhecimento de uma teoria das Formas. É o que possibilita uma pesquisa no que se reconhece hoje como metafísica platônica.

Parmênides, na obra homônima, colocara o personagem Sócrates em várias dificuldades, uma vez que, uma a uma, refutava as teses do Sócrates acerca das Formas. A proposição de Peck é que a refutação de Parmênides partia de uma certa possível compreensão do termo *méthexis*: a materialista. Esta compreensão faria com que os argumentos e refutações de Parmênides acontecessem por entender a participação e as Formas como entes materiais. Isto se mostra claro

quando Parmênides apresenta uma aporia da participação ao usar a metáfora da Forma como uma vela de navio que cobre os homens (131c).

Estes sentidos expostos até então são os únicos sentidos possíveis para a participação?

A análise do termo grego *metécho* nos mostra a acertada tradução: participação⁹. Em posse apenas do vocábulo “participação” poder-se-ia pensar que participação seria apenas uma relação de única via, por exemplo: O ente “o” participa da Forma “Ω”. Tomando este sentido de participação, na teoria das Formas, “o” estaria em “Ω”, como um elemento dentro de um conjunto. Todavia, o participio plural do termo *metécho*, *hoi metéchantes*, traz o sentido de cúmplice, parceiro. De tal maneira o termo participação poderia cifrar uma relação de parceria entre ente e Forma, portanto, neste sentido, o ente “o” não estaria dentro da Forma “Ω”, mas relacionar-se-ia com a Forma de maneira equânime e apropriada.

Há, no *Górgias*, a menção da relação entre *eidos* e ente sensível como participação: “As coisas que não são nem boas nem más são aquelas que participam [*metéchei*] ora do bem ora do mal ora nem do bem nem do mal...” (PLATÃO, *Górgias*. 467E) A passagem apresentada no *Górgias* mostra que a relação entre universal e particular pode ser entendida não como uma cisão, isto é, como a Forma “transcendente”, mas, como “imane[n]te¹⁰”. Em uso mais geral os termos “transcendente” e “imane[n]te” são usados, pelos comentadores, para indicar o estatuto ontológico das Formas: São “transcendentes” quando a existência das Formas é separada e independe dos entes sensíveis que participam nas Formas. São “imane[n]tes” quando não existem separadas dos entes sensíveis, mas estão nestes ainda que não se confundam¹¹.

Porém, mesmo com a amplitude do termo participação, a relação entre Forma e ente é denominada de várias maneiras dentro do vocabulário platônico. Algumas das noções são¹²: posse, semelhança,

⁹ Cf. LIDDEL; SCOOT, 1996.

¹⁰ Cf. IGLÉSIAS, 2009, p. 91.

¹¹ Cf. IGLÉSIAS, 2009.

¹² Cf. IGLÉSIAS, 2009, p. 94.

*paousía*¹³, *mímesis*¹⁴, *koinonía*¹⁵.

Todos estes termos dizem participação? Há existência de Formas nos entes (imanência)? Há uma cisão entre ente e Forma (transcendência)? Quais destes termos dizem imanência e quais dizem transcendência? Ou todos dizem a mesma coisa?

O que é participação?

Estranhamente, o termo usado por Platão, na supracitada passagem¹⁶ é *metalambánonta*. *Metalambánonta* é o participio de *metalambáno*. Esperar-se-ia que o termo empregado fosse *metéchonta*, o participio de *metécho*. Ambos os verbos recebem a mesma tradução: participação.

Como já apresentado, *metécho* se traduz por participação significando partilha, compartilhar uma parte, parceria¹⁷. O substantivo *méthexis* diz respeito à participação, no *Parmênides*¹⁸ o termo é usado para se referir a um ente que participa em essência (*ousía*)¹⁹. Já o termo *metalambánonta*, que é participio de *metalambáno*, significa participação na medida em que o ente tem ou obtém uma participação na Forma. Em *metalambáno* o que se recebe da Forma é adicionado ao ente²⁰. Poderia ser possível pensar que o verbo *metalambáno* mostra uma participação de um ente que vem a ser, torna-se algo, por esta participação. Os entes se tornam semelhantes, justos, belos, bons por participarem [*metalambánonta*] da Semelhança, da Justiça, da Beleza, do Bem. Distinto é o caso pelo qual o ente é o que é pela participação [*metéchein*] em uma Forma. Por exemplo: o cavalo é cavalo porque participa [*metéchein*] da Forma de cavalo.

¹³ *Paousía* traduz-se por presença. O termo poderia dar a noção de imanência das Formas nos entes.

¹⁴ Termo que poderia ser traduzido por imitação. Tal palavra dá sentido a uma comum interpretação da “Teoria das Formas” que afirma que os entes sensíveis são cópias ou imitações dos entes inteligíveis.

¹⁵ O termo *koinonía* aparece de maneira forte no *Sofista* e pode ser traduzido por comunidade. Este termo parece estar próximo da noção de participação como cumplicidade ou parceria.

¹⁶ Cf. PLATÃO, *Parmênides*. 130e - 131a

¹⁷ Cf. LIDDEL; SCOOT, 1996.

¹⁸ Cf. PLATÃO, *Parmênides*. 151e; 155e; 156a.

¹⁹ Cf. LIDDEL; SCOOT, 1996.

²⁰ Cf. LIDDEL; SCOOT, 1996.

Se, de fato, Platão empregou os termos *metécho* e *metalambáno* de maneira consciente e precisa, talvez fosse possível identificar dois tipos de participação no *corpus* platônico: uma participação na qual existisse uma relação essencial e outra não essencial, mas predicativa.

Na suposta participação essencial o ente seria o que é pela participação [*metéchein*] na Forma. A Forma seria, portanto, o ser do ente. Seria o que faz com que o ente seja o que ele é e a participação faria com que o ente continuasse sendo o que ele é sem que deixasse de ser. Se, em determinado momento, a participação findasse, o ente deixaria de ser. Não seria absurdo supor que o ente pela participação [*metéchein*] na Forma que faz com que ele seja, essencialmente, o que ele é.

Diferentemente, a conjecturada participação predicativa não teria influência no ser do ente, mas em seus atributos. É por participar [*metéchein*] da Forma de cavalo que o cavalo é cavalo. Mas, é pela participação [*metalambánein*] na Semelhança que o cavalo se torna semelhante. É pela participação [*metalambánein*] na Beleza que o cavalo se torna belo. É pela participação [*metalambánein*] no Bem que o cavalo se torna bom. Todavia, se o cavalo em determinado momento deixar de participar na Semelhança, no Bem, no Belo, o cavalo não deixará de ser cavalo, apenas deixará de ser semelhante, bom e belo. Mas, se o cavalo deixar de participar da Forma de cavalo ele deixará de ser o que ele é, cavalo.

A diferença, portanto, é que a participação [*metéchein*] não suportaria contradição, pois seria uma contradição no próprio ente. Entretanto, há a participação [*metalambánein*] que suporta contradição. Esta participação não é na essência do ente, mas em seus predicados.

A posição de Fujisawa já guarda um certo sentido da relação entre o ente e sua predicação pela Forma. Contudo, poder-se-ia afirmar que esta leitura da “Teoria das Formas” de Platão não faz justiça ao filósofo, uma vez que é, possivelmente, uma leitura muito mais próxima de uma teoria da predicação em Aristóteles. Portanto: não há uma teoria acerca de uma predicação em Platão.

Dentre as semelhanças entre esta leitura e uma teoria da predicação em Aristóteles, há uma que merece ser pontuada: De acordo com esta teoria aristotélica, o tipo de proposição (i) em (3) [A Forma da Beleza é bela.] acima devem ser descritos como: "A beleza é predicado (*kategorētai katá*) da beleza em si" ou "Beleza pertence (*ypárchei*) a

beleza em si”, que sem dúvida, é equivalente a “beleza em si tem (*échei*) a propriedade da beleza”. (FUJISAWA, 1974, p. 38, tradução nossa)

Dentre as críticas de Aristóteles a Platão (ou platônicos e platonismo) há a seguinte crítica: toda participação foi entendida como participação na substância, não nos atributos²¹. Entender que a participação de um ente se dá unicamente na substância é um entendimento problemático.

A argumentação de Sócrates no início do Parmênides é uma tentativa de lidar com o argumento de Zenão. Zenão afirma que não existe multiplicidade na medida em que os entes não podem ter em si propriedades contraditórias, como a semelhança e a dessemelhança. Sócrates afirma uma teoria das Formas que diz que o ente pode suportar a semelhança e a dessemelhança na participação. Contudo, se esta participação de contrários for na substância do ente o ente será substancialmente contraditório. Se o ente for, em sua essência, semelhante e semelhante ele será contraditório em sua essência.

A tese socrática da existência de Formas nasce justamente para possibilitar uma contradição no ente, sem que ele seja, em si mesmo, contraditório. Se houvesse apenas a participação substancial não seria possível homologação da “Teoria das Formas” e não haveria ganho algum de Sócrates ao argumento de Zenão.

[...] não julgas haver uma certa forma em si e por si da semelhança, e, por outro lado, contrária a tal forma, uma outra, aquilo que realmente é dessemelhante? E, que, nestas duas coisas, que são, tanto eu quanto tu, quanto as outras coisas que chamamos múltiplas, temos participação? E que algumas coisas, tendo participação na semelhança, se tornam semelhantes, por causa disso e na medida em que nela tenham participação, e que outras, tendo participação na dessemelhança, se tornam dessemelhantes, e que outras, tendo participação em ambas, se tornam semelhantes e dessemelhantes? (PLATÃO, *Parmênides*. 128d – 129a)

Não é por outro motivo, ao que parece, que Sócrates usa em 128d o termo *metalambánein* (em suas devidas declinações) se não o fato de perceber uma possível distinção entre participação na substância

²¹ cf. ARISTÓTELES, *Metafísica*. 997b12 e 1086a32-34.

e participação nos atributos. Afinal, ele afirma que os entes não são semelhantes e dessemelhantes, não são contraditórios, mas que tendo participação na dessemelhança se tornam dessemelhantes, e que outras, tendo participação em ambas, se tornam semelhantes e dessemelhantes.

Quais consequências a distinção entre os termos que traduzem “participação” traria? Se for defensável a proposta de Fujisawa ela trará, ao que parece, apenas um ganho linguístico perante o problema. Uma vez admitida esta hipótese será esclarecida apenas uma distinção entre o atributo que o ente recebe da Forma e a própria Forma. Resta, no entanto, perguntar se é possível separar a atributo dado pela Forma e a Forma. Poder-se-ia perguntar: O que dá unidade ao atributo da Forma e à Forma? Surgiria nesta questão uma nova Forma? Enfrentaria a posição de Fujisawa o problema do terceiro homem? É possível a noção do termo *écheiv* sem a noção da distinção de *metécho* e *metalambáno*?

E se for possível admitir, no entanto, a distinção proposta através dos termos *metécho* e *metalambáno*? A proposta da “Teoria das Formas” surge como uma tentativa de lidar com a contradição da multiplicidade. Um ente qualquer é semelhante e dessemelhante por participar na Semelhança e Dessemelhança. Qual, no entanto, seria a parte do ente que participaria nas Formas? Se o ente participar, em sua substância, de Formas contrárias, a contradição estará na própria essência do ente. O ente não poderá ser essencialmente contraditório. Portanto afigura-se como condição de admissão de uma “teoria das Formas”, a aceitação de que há participações que constituem a substância de um ente e outras que constituem seus predicados. Está é a hipótese para investigação da pesquisa: Platão identificou esta condição e tratou dela nos termos *metécho* e *metalambáno*.

Enfim: Há em Platão dois sentidos diferentes de participação? Teria ele pensado, anteriormente a Aristóteles, numa participação predicativa, além da substancial?

As respostas para tais perguntas não são, de maneira alguma simples. Esta obra é, antes de mais nada, difícil. E:

De todos os diálogos de Platão, o Parmênides é notoriamente o mais difícil de interpretar. Pesquisadores de todos os períodos tem violentamente discordado sobre o seu objetivo e assunto. As interpretações têm variado a partir de uma leitura do diálogo como uma introdução metafísica

platônica - e mais frequentemente a neoplatônico, ou vendo-o como um registro não resolvido (e talvez insolúvel) de honesta perplexidade, como uma protética ginástica mental, como uma coleção de truques sofisticados, ou mesmo como uma elaborada (entenda tediosa) piada. (SCOLNICOV, 2001, p. I, tradução nossa)

Dentre os intérpretes que vêm o *Parmênides* de Platão como uma introdução à metafísica platônica Scolnicov apresenta: Dodds, em sua obra *The Parmênides of Plato and the Origin of Neoplatonic One*; E Wundt em *Platons Parmenides*. Dos que percebem como um registro não resolvido de um problema há Gregory Vlastos, em *Degress of Reality in Plato*. Como ginástica mental: Peck e Klibansky. Como truques sofisticados: Owen em *Plato on Not-being*. E como uma piada: Taylor em *The “Parmênides” of Plato*.

A opinião de que o *Parmênides* é alvo de discussão não é unitária.

nenhum outro diálogo platônico, talvez nenhuma outra obra filosófica, passou por tais vicissitudes estranhas como o Parmênides. Considerado por um grupo de exegetas como um mero exercício de dialética, considerado por outros como uma importante contribuição para a teoria das ideias, rejeitado por alguns como espúrio, visto por alguns como uma paródia bem-humorada e exaltado por muitos como a expressão suprema da doutrina platônica, seu caráter foi não menos disputado nas escolas da Antiguidade do que entre os intérpretes modernos. (RAYMOND, 1949, p. 12, tradução nossa)

Parece muito o que se tem dito sobre Platão e seu *Parmênides*, mas não é. “o *Parmênides* como um todo parece ter sido, até recentemente, muito negligenciado.” (SCOLNICOV, 2001, p. I, tradução nossa) Não há sobre esta brilhante obra, mesmo tendo a importância que a tem, estudos o suficiente.

O pesquisador da ontologia platônica, diante de tais dilemas, se encontra na obra. A obra mostra várias aporias, quem conversa na obra fica sem saída. O pesquisador quando conversa com a obra fica sem saída. Não há para onde escapar, não há lugar onde resida uma resposta para a participação e as Formas. Não há, para o pesquisador de Platão, caminhos o suficiente entre outros pesquisadores. Interlocutor e

leitor se encontram: Sócrates e estudioso de Platão estão juntos: para estes resta apenas se exercitar enquanto jovem para que a verdade não lhe escape²².

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. Tradução Marcelo Perine, São Paulo: Edições Loyola, 2001-2002.
- DODDS, E. R. *The Parmenides of Plato and the Origin of Neoplatonic One*. *Classical Quarterly*, 1928.
- FUJISAWA, Norio. *Échein, Metéchein, and Idioms of 'Paradeigmatism' in Plato's Theory of Forms*. *Phronesis*, Vol. XIX (1974). pp. 30-58.
- IGLÉSIAS, Maura. A relação entre sensível e inteligível: methexis ou mimesis? In: PERINE, Marcelo (Org.). *Estudos platônicos: sobre o ser e o aparecer; o belo e o bem*. São Paulo: Loyola, 2009.
- LIDDEL, H. G; SCOOT, R. *Greek-English Lexicon - With a revised supplement*. Oxford: Clarendon Press, 1996.
- PLATÃO. *Parmênides*. Tradução, apresentação e notas de Maura Iglesias e Fernando Rodrigues. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio e Edições Loyola, 2003.
- MEINWALD, Constance. Good-bye to Third Man. In: KRAUT, Richard. *The Cambridge Companion to Plato*. New York: Cambridge University Press, 1993, p. 365-396.
- OWEN, G. E. L. *Plato on Not-being*. In Plato, ed Vlastos, vol I, pp 223-267. New York: Anchor. 1970.
- PECK, A. L. *Plato's Parmenides: Some Suggestions for Its Interpretation*. *The Classical Quarterly: New Series*, Vol. 3, pp. 126-150.
- RAYMOND, Klibansky. *Plato's Parmenides in the Middle Ages and the Renaissance a chapter in the history of platonic studies*. Oriiel College: Oxford, 1949.
- SCOLNICOV, Samuel. *Plato's Parmênides*. Translated with introduction and commentary. Berkley and Los Angeles: University of California Press, 2001.

²² Cf. Platão. *Parmênides*. 136d.

VLASTOS, Gregory. *Degree of Reality in Plato*. IN *New York Essays in Plato and Aristotle*. Ed. Renford Bambrough, pp 1-19. London: Routledge & Kegan Paul. 1971.

WUNDT, M. *Platons “Parmenides”*. Berlin: W. Kohlammer. 1935.